

“Dormiram no Senhor”: memorial on-line como espaço cemiterial adventista no contexto da pandemia de Covid-19

RESUMO

O presente artigo consiste no estudo dos memoriais on-line como espaços cemiteriais no contexto da confissão religiosa adventista do sétimo dia. Para isso, analisa-se a plataforma virtual *Em Memória*, criada em honra às vítimas da denominação que morreram de Covid-19 no Brasil. Este artigo partiu de um levantamento sobre elementos do estado da arte dos estudos de cemitérios virtuais e memoriais *on-line*, dentre os quais se destacam investigações pioneiras que demonstraram a relevância de tais iniciativas para a construção coletiva da identidade dos mortos e a manutenção de vínculos. Em seguida concentra-se no estudo do memorial virtual, *Em memória*, em seu diálogo com a perspectiva da confissão adventista do sétimo dia do passamento e das práticas funerárias e cemiteriais. Considera-se que, apesar de não haver uma comunicação dirigida diretamente ao morto, já que na tradição adventista morte significa inexistência, a necessidade de conexão se justifica pela compreensão de que, no retorno de Jesus, os crentes que morreram voltarão a viver.

Palavras-chave: Morte; Adventismo; Memorial On-Line; Espaços Cemiteriais; Obituários.

* Doutor em Ciência da Religião (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Professor da Faculdade de Teologia e do Mestrado Profissional em Educação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). CV: <https://lattes.cnpq.br/2797957566975538>

** Mestre em Missiologia pela Universidad Peruana Unión (UPeU). Editor na Casa Publicadora Brasileira. É pesquisador no Thanos: grupo interdisciplinar de pesquisa em religião e tanatologia, do(a) Centro Universitário Adventista de São Paulo, vinculado ao CNPq. CV: <http://lattes.cnpq.br/4632399290565230>



"Slept in the Lord": On-line Memorial as an Adventist Cemetery Space in the Context of the Covid-19 Pandemic

ABSTRACT

The present article consists of the study of on-line memorials as cemetery spaces in the context of the Seventh-day Adventist religious tradition. For this, the virtual platform *Em Memória*, created in honor of the victims of the denomination who died of Covid-19 in Brazil, is analyzed. This descriptive-analytical article was based on a survey of state-of-the-art elements in studies of virtual cemeteries and on-line memorials, among which stand out pioneering investigations that demonstrated the relevance of such initiatives for the collective construction of the identity of the dead and the maintenance of personal connections. Then, it focuses on the study of the virtual memorial *Em Memória* in its dialogue with the perspective of the Seventh-day Adventist confession of the passing and of the funerary and cemetery practices. It is considered that, although there is no communication directly addressed to the dead, since in the Adventist tradition death means non-existence, the need for connection is justified by the understanding that, in the return of Jesus, the believers who died will come back to life.

Keywords: Death; Seventh Day Adventism; On-Line Memorial; Cemetery; Obituary.

"Durmieron en el Señor": memorial on-line como espacio de cementerio adventista en el contexto de la pandemia de Covid-19

RESUMEN

El presente artículo se enfoca en el estudio de los memoriales virtuales como espacios funerarios en el contexto de la confesión religiosa adventista del séptimo día. Para ello, se analiza la plataforma virtual *Em Memória*, creada en honor a las víctimas de la denominación que fallecieron a causa de la Covid-19 en Brasil. Este artículo se basa en una revisión de los elementos del estado del arte de los estudios sobre cementerios virtuales y memoriales on-line, entre los cuales destacan investigaciones pioneras que han demostrado la relevancia de estas iniciativas para la construcción colectiva de la identidad de los difuntos y el mantenimiento de vínculos. A continuación, se centra en el estudio del memorial virtual *Em Memória* y su relación con la perspectiva adventista del séptimo día sobre la muerte y las prácticas funerarias y de entierro. Se considera que, aunque no haya una comunicación dirigida directamente al difunto, ya que en la tradición adventista la muerte significa inexistencia, la necesidad de conexión se justifica por la comprensión de que, en el regreso de Jesús, los creyentes que han fallecido volverán a la vida.

Palabras clave: Muerte; Adventismo; Memorial on-line; Espacios funerarios; Obituarios.



Com o advento da internet nos anos 1990, diversos estudos foram realizados acerca da criação de vínculos socioafetivos no ambiente digital, cujo espectro abrangia desde predições utópicas de comunicação transcultural e comunidade global até análises pessimistas da ameaça do isolamento social e do enfraquecimento da família. Seguindo essa lógica, no início da década de 2000 diversas pesquisas procuraram ampliar a discussão sobre a construção de vínculos e memórias e o fortalecimento do senso comunitário a partir da relação entre religião e comunicação, com foco em práticas religiosas funerárias virtuais.

Nesses estudos, procurou-se investigar a relação da internet com a memorialização dos mortos e seu papel no processamento do luto, na continuidade de laços afetivos *post mortem* e na criação de comunidades virtuais, como apontado por Roberts (2004a e 2004b). No contexto brasileiro, destaca-se a tese de Miklos (2010) que, com o objetivo de descrever e analisar a construção de vínculos religiosos na cibercultura – o que ele chamou de ciber-religião – avalia os velórios virtuais, dentre outras práticas midiático-religiosas.

A partir do ano de 2020, no contexto de crise pandêmica, observou-se que os processos de incorporação da lógica midiático-virtual e da midiaticização das atividades e serviços religiosos foram acelerados e intensificados. A impossibilidade de deslocamento geográfico para o atendimento a funerais e sepultamentos, as restrições sanitárias ao contato físico-corporal e a virtualização das atividades cotidianas, dentre outros fatores, chamaram a atenção de investigadores que se concentraram no diálogo entre estudos tanatológicos e o *ethos* virtual, tendo como exemplo a revisão de escopo de McNeil et al. (2021) sobre funerais virtuais durante pandemia de Covid-19.

Como diversas denominações religiosas, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) também foi impactada pela crise pandêmica, posicionando-se a favor da vacinação, suspendendo a realização de cultos presenciais em cenário de quarentena/isolamento social. E, seguindo protocolos sanitários mais rigorosos, alterou alguns processos litúrgicos quando os cultos presenciais foram autorizados. Do ponto de vista dos estudos tanatológicos, uma ação da IASD chamou a atenção, a exemplo de iniciativas como os sites *Inumeráveis*¹ e *Memorial Vagalumes*², plataformas virtuais em homenagem às vítimas do coronavírus no Brasil³. A versão adventista desses memoriais virtuais chamou-se *Em memória*⁴ e foi lançada em novembro de 2021 pela *Revista Adventista*, periódico oficial da denominação no Brasil.

Ao homenagear as vítimas de Covid-19 no cenário adventista brasileiro, a IASD foi a primeira igreja no Brasil a apresentar esse memorial que, em contexto de isolamento social e midiaticização da experiência religiosa, pode compartilhar características com o fenômeno dos cemitérios virtuais. Diante disso, o presente artigo procura apresentar um relato de construção do site, *Em memória*, destacando em que aspectos ele se assemelha e se distancia de um espaço cemiterial virtual e como a tradição adventista impactou a criação da plataforma.

¹ Inumeráveis. (s.d.). <https://inumeraveis.com.br> Acesso em: 3 de novembro de 2022.

² Memorial Vagalumes. (s.d.). <https://www.memorialvagalumes.com.br> Acesso em: 3 de novembro de 2022.

³ The World Wide Cemetery. (s.d.). <https://cemetery.org> Acesso em 5 de dezembro de 2022.

⁴ Em Memória. (s.d.). <https://memoria.revistaadventista.com.br> Acesso em: 15 de dezembro de 2022.



Com esse intuito, este artigo divide-se em três partes. Primeiramente, busca-se apresentar elementos de estado da arte dos estudos de cemitérios virtuais e memoriais *on-line*, especialmente no contexto da pandemia de Covid-19. Em seguida, descreve-se sucintamente o tema do passamento e das práticas funerárias e cimiteriais sob a perspectiva da confissão adventista do sétimo dia. Em último lugar, descreve-se a iniciativa *on-line Em memória*, detalhando sua criação, metodologia e funcionalidades, dissertando sobre sua proximidade com o fenômeno do cemitério virtual e sobre a influência da tradição adventista a respeito da morte e das cerimônias fúnebres sobre os serviços oferecidos pelo site.

Memoriais e cemitérios virtuais: elementos para um estado da arte

No final dos anos 1990 e início dos anos 2000 pelo menos quatro estudos pioneiros se destacaram acerca da investigação do fenômeno dos cemitérios virtuais. A pesquisa de Roberts e Vidal (2000) e Roberts, Neal e Shamitz (1999) têm em comum o fato de que ambas analisaram o *World Wide Cemetery*, site criado em 1995 e considerado o mais antigo cemitério virtual do mundo. Enquanto o primeiro trabalho analisou os obituários e textos memoriais em honra aos falecidos, o estudo de Roberts, Neal e Shamitz (1999) examinou as mensagens deixadas nos livros de visitas.

Já a pesquisa de Roberts (2004b) se debruçou sobre questões levantadas em pesquisas prévias – especialmente as duas mencionadas no parágrafo anterior – e explorou como criar e/ou visitar memoriais e cemitérios virtuais afeta os enlutados. O estudo sugeriu que, ao contrário do que se possa imaginar, “em vez de servir como um substituto pobre de atividades tradicionais de luto”, os memoriais e cemitérios virtuais “permitem que os enlutados mantenham seus vínculos com os mortos [...] e aprofundem suas conexões com outras pessoas que sofreram uma perda” (Roberts, 2004b, p. 57). Além dessas duas implicações descritas, o estudo de Roberts (2004b) também aponta para a criação de novas comunidades a partir da participação em ciber-cemitérios e web-memoriais.

Dessa forma, faz-se necessário aprofundar e detalhar essas três características do fenômeno dos cemitérios virtuais como sugeridos pelos estudos pioneiros já mencionados, bem como de estudos e desdobramentos posteriores.

Em primeiro lugar, é preciso destacar que, nas últimas décadas, muitos teóricos do luto escreveram sobre os laços contínuos que os vivos têm com os mortos (Klass et al., 1996; Klass & Walter, 2001). Essas investigações propõem que a morte, em vez de cortar o vínculo, simplesmente altera o relacionamento. Essa literatura demonstrou tentativas dos enlutados para definir, manter e continuar suas relações e vínculos com os mortos, apesar de pouco apoio e, às vezes, críticas a seus esforços. Todavia, as demonstrações de laços contínuos com os mortos encontram um ambiente favorável e receptivo nos cemitérios e memoriais virtuais, onde é possível continuar se dirigindo aos falecidos por meio de mensagens e testemunhais nos “livros de visitas” (*guestbooks*).

A literatura sobre os laços contínuos com os mortos avalia que há grande necessidade dos enlutados de continuar se comunicando com os mortos pela escrita e os cemitérios virtuais



se tornam propícios para essa atividade. Evidência disso é que uma boa parte dos textos escritos para os memoriais e cemitérios virtuais não são feitos para serem visualizados e lidos pelos visitantes, mas com o intuito de se dirigem diretamente aos mortos (Roberts, 2004b, p. 61).

Outro achado da literatura analisada refere-se ao fato de que os ciber-cemitérios são visitados mais frequentemente que os túmulos e sepulturas físicos, dada a facilidade de poderem ser acessados rapidamente, de qualquer lugar e a qualquer hora (Roberts, 2004b, p. 62). Uma vez que muitos ciber-cemitérios também possuem fotos, o equivalente à inscrição em lápides, e oferecem a possibilidade de postar flores virtuais e outros marcadores textuais e visuais dos falecidos, a prática de visitação virtual acaba se assemelhando à visitação presencial, na opinião dos enlutados.

Contudo, o fenômeno dos cemitérios virtuais não se refere somente à relação dos enlutados com seus queridos que se foram, mas também a dos enlutados com outros enlutados, isto é, entre os que ficaram. É sabido que compartilhar sentimentos e memórias com outras pessoas pode ajudar no processamento do luto, gerando suporte social e fortalecendo os vínculos entre vivos e mortos e entre vivos e vivos (Klauss & Walter, 2001). Isso acontece não somente pela maior frequência de visitação, como já foi descrito, mas também porque a comunicação *on-line* provê uma porta para a partilha de sentimentos, emoções e narrativas entre os visitantes e os autores de textos memoriais e obituários – o que permite ao enlutado colaborar na comunicação sobre e na construção da identidade do falecido.

Esse processo de virtualização do obituário e do relato biográfico e de construção *on-line* de memórias do falecido acaba por estimular o diálogo dos vivos sobre aquele que se foi. Essa interação fortalece os laços dos vivos entre si e "aperfeiçoa o conhecimento sobre o falecido por meio de uma construção coletiva de sua identidade" (Roberts, 2004b, p. 65), o que leva ao último destaque dos estudos até aqui analisados, que é a criação de uma nova comunidade.

Muitos cemitérios virtuais permitem a interação entre seus membros na própria plataforma ao permitir que o autor do memorial saiba quem visitou o túmulo virtual, deixou flores virtuais e quem deixou uma mensagem ao falecido. Dessa forma, muitos sentem uma conexão emocional com os demais visitantes, encarando o cemitério virtual como um ambiente seguro e sem julgamentos sobre seu luto. É pelas razões descritas nesta seção que Roberts (2004b, p. 72) propõe que o memorial web

permite aos enlutados expandir seus modos de comunicação e meios de apoio, usando o ciberespaço para aumentar os laços tradicionais existentes, para desenvolver laços on-line, e criar novos relacionamentos on-line que podem eventualmente incluir mais formas convencionais de comunicação.

Mais recentemente, estudos sobre cemitérios digitais e memoriais *on-line* também apresentaram importantes discussões no contexto brasileiro. Diferentemente das pesquisas já mencionadas, os estudos brasileiros destacados aqui se concentraram na investigação dos *rituais post-mortem* nas redes sociais, especialmente no extinto *Orkut* e no *Facebook*. A tese



de Tomasi (2013) procura descrever o *Orkut* como espaço de processamento do luto, onde usuários compartilham a dor e o sofrimento por meio de imagens e textos públicos, a saber, depoimentos, testemunhais, recados e debates em fóruns de discussão. É um ambiente onde enlutados não somente publicizam sua dor e postam homenagens aos falecidos, mas também é um *locus* no qual buscam uma espécie de comunicação com os mortos.

Outro estudo sobre o *Orkut* é o de Rezende (2011), que se concentra na análise da comunidade que reúne perfis de falecidos chamada "Profiles de Gente Morta", que na época de publicação da pesquisa contava com mais de 75 mil membros. Considerando a comunidade como cemitério virtual, a pesquisa procura entender como a figura da necrópole é representada no contexto virtual. Há comparações entre elementos tanatológicos medievais como a arquitetura funerária e diversos elementos da comunidade no *Orkut*, como os "túmulos virtuais" e a exposição de fotos de pessoas mortas no caixão.

Por fim, a pesquisa de Rigo (2012) analisa o Facebook a partir de ideias de Zygmunt Bauman e Guy Debord, enfatizando a banalização e a espetacularização da morte nos contextos digitais.

Não se poderia deixar de abordar a pandemia de Covid-19 como um catalisador do fenômeno dos cemitérios virtuais e memoriais *on-line*. Estudos demonstraram que a pandemia teve grande impacto no processamento do luto e na ritualização da morte, devido à ausência de rituais fúnebres aliada ao distanciamento social (Vicente da Silva, 2020; Vicente da Silva, 2021; Giamatthey, 2020; Giamatthey et al., 2022). As implicações e os desafios dessa crise pandêmica atingiram dimensões não somente religiosas ou sanitárias, mas também de saúde mental, uma vez que sofrimentos psicológicos como ansiedade, depressão, solidão e medo tornaram-se mais recorrentes em enlutados no contexto pandêmico que tiveram que lidar com o luto desordenado e novas formas de velar diante da impossibilidade do funeral "físico". Esse cenário demandou estratégias não presenciais de demonstração de afeto e elaboração da perda por parte de agentes religiosos e profissionais de saúde, entre outros.

Portanto, os estudos desenvolvidos a partir da intersecção entre morte e mídias digitais trazem, especialmente no contexto pós-pandêmico, novas nuances a serem consideradas no que diz respeito aos ritos funerários, formas de expressão/elaboração do luto, memorialização e manifestações de crenças sobre o *post-mortem*.

A morte e seus ritos na tradição evangélica e na confissão adventista

A perspectiva tanatológica no protestantismo brasileiro de missão pode ser definida como sendo predominantemente de negação e contraposição, uma vez que os protestantes "não intercedem pelos que se foram; não acreditam que os mortos podem retornar ao mundo dos vivos", "não visitam os túmulos" e "não acendem velas para os falecidos" (Vicente da Silva, 2017, p. 95). Herdeiros da Reforma Protestante, muitas vezes assumem uma postura de confronto no contexto brasileiro, demonizando práticas e crenças do espiritismo e de religiões de matriz africana – o que vale também para outras vertentes evangélicas, como os pentecostais e neopentecostais.



Como disse Campos (2016, p. 162), "o protestante vive aqui na terra, porém os seus olhos estão postos no céu". Pode-se, portanto, dizer que, no protestantismo brasileiro, a vida é encarada como uma peregrinação terrena rumo à "cidade celestial". A tese de Mendonça (2008), que investigou a chegada e história do protestantismo ao Brasil, consiste na defesa de que uma das grandes atrações da doutrina protestante em um país católico, em especial para a população em estado de pobreza, era a ideia de que a felicidade e a salvação não estavam na vida terrena, mas em um "celeste porvir". A ética protestante de negação do "mundo" impulsionava a crença no além, no futuro escatológico.

Por esse motivo, os rituais funerários protestantes, por meio de seus cânticos e hinos, anunciam antecipadamente as virtudes e delícias que imaginam desfrutar no céu – "ao redor desse ponto construiu-se uma visão de mundo e de destino que iria refletir tanto na morte como no morrer" (Campos, 2016, p. 162). O funeral é uma despedida breve, uma vez que se acredita que as almas salvas foram para a "Pátria celestial".

Essa visão cosmológico-escatológica protestante é tida como responsável, por estudiosos da vivência da morte pelos evangélicos, como uma evidência de uma simplificação ou desritualização da morte e, conseqüentemente, de um afastamento dos mortos (Novaes, 1983). Assim, nos ritos funerários evangélicos a morte torna-se coadjuvante e é lembrada e mencionada em detrimento à perspectiva da salvação e da vida eterna. É preciso ressaltar, entretanto, que a tese da desritualização da morte evangélica é questionada, mesmo que não em sua faceta teológico-doutrinária, ao menos em sua dimensão antropológica (Vicente da Silva, 2011 e 2017). Essa contraposição não desiste da ideia da impossibilidade doutrinária de comunicação entre vivos e mortos no contexto evangélico que enfatiza um movimento de aproximação entre os enlutados com enlutados e, concomitantemente, de afastamento dos enlutados em relação aos corpos dos mortos. Mas também apresenta uma outra possibilidade, ao menos na tradição pentecostal, de que há continuidade da relação de vivos e mortos por meio de objetos, sonhos, visões ou profecias, ainda que isso seja motivo de debate entre os crentes (Vicente da Silva, 2017, p. 110).

Já no adventismo, o tema da morte recebeu importância desde os primórdios da denominação, fundada em meados do século 19 nos Estados Unidos. Desse modo, prosseguiremos com um breve panorama de sua interpretação acerca do assunto. Além da observância do sábado e da expectativa do retorno iminente de Cristo à Terra, herdadas dos batistas do sétimo dia e do milerismo, movimento de reavivamento liderado pelo ministro batista norte-americano William Miller (1782-1849), a primeira tentativa de estabelecer um conjunto de crenças básicas incluiu a doutrina sobre o estado do ser humano na morte. Já no período de 1845 a 1848, os adventistas sabatistas consideraram a ideia da imortalidade condicional como um de seus pilares doutrinários⁵ (Knight, 2005, p. 73). Esse ponto de vista, entre outros que moldaram sua identidade teológica, foi um dos que distinguiram os adventistas de grupos mileritas pós-1844 e dos protestantes norte-americanos em geral (Novaes, 2021).

⁵ Igreja adventista do Sétimo Dia. Nisto cremos: as 28 crenças fundamentais dos adventistas do sétimo dia (2018). Rio de Janeiro: Casa Publicadora Brasileira, p. 437.



Em grande medida, a perspectiva da inconsciência na morte derivou de um entendimento particular da integralidade do ser, ou seja, da natureza holística das pessoas (Andreasen, 2011, p. 357), que moldou a própria compreensão adventista da salvação (Bull & Lockhart, 2007, p. 89). Isso se contrapunha ao dualismo advindo da filosofia grega, especialmente a de vertente platônica, que influenciou a antropologia cristã com o pensamento de que a alma sobrevive à morte, indo imediatamente para o céu ou o inferno (Novaes, 2021; Bacchiocchi, 2012, p. 136; Knight, 2005, p. 73).⁶ Para os adventistas, no entanto, a imortalidade não é algo inerente ao ser humano, tampouco se torna realidade para os que morrem, mas será concedida aos justos por ocasião da ressurreição prevista na ocasião do retorno de Jesus Cristo (Andreasen, 2011, p. 382; Brunt, 2011, p. 416; Bull & Lockhart, 2007, p. 89). Dessa forma, a compreensão antropológica adventista sempre esteve ligada à sua interpretação escatológica.

Por influência especialmente do ministro metodista George Storrs (1796-1867), o adventismo adotou basicamente duas perspectivas teológicas: o condicionalismo e o aniquilacionismo (Bull & Lockhart, 2007, p. 89; Knight, 2005, pp. 73-75; Paroschi, 2017; Novaes, 2021; Furtado, 2017, p. 67). O condicionalismo pode ser traduzido como a crença de que a imortalidade não é natural ao ser humano, mas uma condição atribuída por Cristo por meio da fé. Por sua vez, a visão aniquilacionista advoga que aqueles que não receberem a imortalidade estarão destinados à destruição de uma vez por todas (numa ressurreição à parte, após o milênio) em vez de queimarem no inferno eternamente (Bacchiocchi, 2007; Crockett, 1996; Andreasen, 2011, p. 382; Brunt, 2011, p. 390). Esses ensinamentos também foram abraçados e promovidos por Ellen White (1827-1915), cofundadora da IASD e uma das figuras mais influentes da história do adventismo. Por se harmonizar com os principais aspectos da teologia adventista (Knight, 2005, p.75), a compreensão da natureza humana e da morte como um estado de inconsciência temporária reforçou a crença no retorno de Jesus, "pois, se após a morte almas imortais vão para o céu e o inferno, não haveria necessidade da volta de Jesus, da ressurreição dos mortos e do juízo" (Novaes, 2021, p. 48).

Para a tradição adventista, a promessa bíblica referente ao ressurgimento dos mortos justos para uma existência não mais sujeita à morte foi historicamente uma importante fonte de consolo escatológico (Novaes, 2021). Da mesma forma, a comparação da morte ao "sono", o que pressupõe um despertar posterior, também contribuiu para atenuar a dura realidade à qual todos estão destinados.⁷ Reafirmando esse ponto, Andreasen (2011, p. 365) diz que, "de todas as metáforas bíblicas para o estado dos mortos, a do sono é a mais importante"; logo, "a morte não é para os justos uma experiência assustadora".⁸

⁶ Segundo Ariès (2017, p. 178), "durante o primeiro milênio não se concebia a morte como a separação entre a alma e o corpo, mas como um misterioso sono do ser indivisível". Contudo, especialmente a partir do século XII, ganhou popularidade a crença de que, com a morte, a alma abandonava o corpo sendo logo submetida a um juízo particular, sem esperar pelo final dos tempos.

⁷ Igreja adventista do Sétimo Dia. Nisto Cremos: as 28 crenças fundamentais dos adventistas do sétimo dia. (2018). Rio de Janeiro: Casa Publicadora Brasileira, p. 439.

⁸ Para Ariès (2014, p. 32), a ideia da morte como repouso é, "ao mesmo tempo, a imagem mais antiga, mais popular e mais constante do Além". E, conforme Fuchs (2021, p. 2), o próprio termo cemitério, segundo a concepção cristã, "tem como base a ideia de repouso do corpo como um sono à espera do juízo final".

Ao falar sobre as primeiras ocorrências documentadas do uso dessa metáfora nos primórdios da Igreja Adventista, já por volta da década de 1840, Paroschi (2017, p. 29) observa que essa comparação da morte ao sono se tornou bastante popular entre os adventistas posteriormente, principalmente nos obituários. Uma evidência disso é que, por muito tempo a tradicional seção de falecimentos da *Revista Adventista* intitulou-se "Dormiram no Senhor" e reproduziu um texto bíblico de uso frequente também em rituais fúnebres adventistas: "Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor" (Apocalipse 14:13).⁹

Por terem essa compreensão, as práticas e serviços fúnebres adventistas não partem do pressuposto de que "haja quaisquer rituais que encomendam uma boa morte, no sentido medieval do termo, por não entender o falecimento como rito de passagem do reino terreno para o mundo espiritual", tampouco veem a necessidade de "rezar pela alma, de performar gestos ou de fazer oferendas" (Novaes, 2021, p. 48).

Não há uma determinação sobre o preparo e destino do corpo na tradição adventista, uma vez que a ressurreição é vista como um despertar do sono da morte e um processo de recriação que não depende, portanto, da preservação dos restos mortais (Paroschi, 2017; Novaes, 2021). Assim, pouco importa se a pessoa será enterrada ou cremada, por exemplo. Essa é uma decisão que cabe sobretudo à família, em consonância com as disposições legais-convencionais¹⁰.

Ainda no que se refere aos rituais fúnebres praticados no adventismo, eles podem mudar conforme as tradições da congregação local, desde que se respeite os ensinamentos promovidos pela denominação e às diretrizes recomendadas aos oficiantes¹¹. Porém, em linhas gerais, costumam seguir um programa simples que inclui leituras bíblicas, canto congregacional, preces e apresentação de dados biográficos do falecido. No Guia para ministros adventistas do sétimo dia¹², documento que apresenta diretrizes para o trabalho pastoral, é sugerida a seguinte sequência: (1) acomodação da família, (2) leitura da Bíblia e oração, (3) música de conforto, (4) discurso fúnebre e obituário, (5) testemunhos, (6) sermão, (7) oração e (8) música de conforto.

Devido ao entendimento de que, ao morrer, a pessoa deixa de existir, os cultos fúnebres adventistas não se dirigem aos mortos, mas sim aos vivos. Assim, ao mesmo tempo que os discursos tendem a ser realistas em relação à morte, concentram-se, por outro lado, na esperança da ressurreição¹³. Dada a perspectiva tanatológico-escatológica do adventismo, pode-se advogar que em seus ritos fúnebres a morte é ainda mais secundária do que na ritualização protestante.

Contudo, segundo Novaes (2021, p. 50), pelo menos em tese não há, com isso, a intenção de reprimir o luto e a dor da perda, mas sim de oferecer conforto e consolo, respeitando os enlutados. Nessa direção, o Guia para ministros adventistas do sétimo dia recomenda que a

⁹ *Bíblia de Estudo Andrews*: Edição Almeida Revista e Atualizada. (2015). Rio de Janeiro: Casa Publicadora Brasileira, p. 1668.

¹⁰ Igreja Adventista do Sétimo Dia. (2010). *Guia para ministros adventistas do sétimo dia*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Brasileira, p. 201.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ Idem, p. 197.



ministração/assistência aos que ficaram não se limite ao contexto da cerimônia fúnebre, dada a necessidade de igualmente oferecer apoio aos familiares depois do sepultamento de seu ente querido.¹⁴ Esses rituais e representações da morte também dialogam com o modo como a tradição adventista tem divulgado notas de falecimento, registros que igualmente cumprem um papel importante na ritualização da morte, elaboração do luto e memorialização.

A publicação de comunicados de falecimento, obituários, anúncios fúnebres, entre outros tipos de discursos sobre a morte e os mortos, tornou-se bastante comum em jornais e revistas a partir do período oitocentista, podendo ser vista também nas primeiras publicações adventistas. Nos Estados Unidos, um dos países em que os obituários foram bastante difundidos pela imprensa (Vieira, 2014), periódicos como a *The Advent Review and Sabbath Herald*, que precedeu a organização formal da denominação em 1863, encarregaram-se da divulgação de notas de falecimento (Novaes & Marcelino, 2022, p. 224).

Quase seis décadas depois, essa prática também ganhou espaço no adventismo brasileiro após o surgimento da *Revista Mensal*, precursora da *Revista Adventista*. Data de janeiro de 1908 a publicação da primeira nota de falecimento encontrada nas páginas desse periódico.¹⁵ Desde então, mais de 15.400 já foram divulgadas. No princípio, não se tratava de uma página fixa, tendo que dividir espaço com outros conteúdos. E antes de receber nomes como "Fim da Jornada", "Dormiram no Senhor", "Falecimentos" e "Memória", como é chamada atualmente, era identificada simplesmente como "Obituário", termo comumente utilizado pelos veículos de comunicação que consagraram esse tipo de narrativa.¹⁶

Ao longo dos anos, um dos aspectos que caracterizaram a publicação de notas de falecimento nas páginas da *Revista Adventista* foi a descrição dos ritos funerários. Isso está relacionado ao fato de que, até por volta da década de 1980, era comum que o próprio oficiante do funeral redigisse a nota de falecimento e a enviasse para publicação. Por essa razão, boa parte dos obituários divulgados pela revista nesse período eram assinados por pastores, líderes da igreja local, bem como por missionários estrangeiros que percorriam o Brasil nas primeiras décadas de adventismo e cujo ofício incluía a realização de cerimônias fúnebres.

Por meio desse espaço fúnebre, a liderança da IASD, em nível local ou regional, expressava (geralmente em primeira pessoa) seus sentimentos aos enlutados e oferecia palavras de consolo diante das perdas. A seguinte nota, que se destaca por comunicar a morte de quatro vítimas da gripe espanhola no Rio de Janeiro, cidade na qual, segundo Goulart (2003, p. 53), em meados de outubro de 1918 o percentual de óbitos provocados pela "espanhola" teria chegado a representar 85% do total de mortes registradas nesse período na então capital federal, exemplifica esse aspecto. O texto abaixo segue a norma culta da língua adotada à época:

Cumprе á egrеja do Rio desempenhar-se do doloroso dever de dar a triste notícia do passamento de quatro dos seus membros, victimados

¹⁴ Idem, p. 201, 202.

¹⁵ Spies, F. W. (1908, janeiro). Obituário. *Revista Mensal*. São Bernardo do Campo, v. 6, n. 1, p. 8.

¹⁶ Se bem que as características dos textos divulgados pela revista sempre se aproximaram mais das notas de falecimento do que daqueles que perfilam biograficamente os falecidos, isto é, do obituário como gênero textual jornalístico (Vieira, 2014, p. 15).



pela epidemia que ora vae arrastando milhares de vidas, a saber, as irmãs: Joanna Gonçalves, Lucinda Ferreira, Hermelinda de Araújo e Anyceta da Silva. Estas irmãs estavam servindo ao Senhor fielmente, obedecendo á Sua mensagem, e gosando a estima dos irmãos desta Capital. Nossa esperança é tornar a ver os rostos queridos no dia feliz da vinda gloriosa do Principe da vida. Que o grande Consolador abençoe e console os que ainda ficaram neste valle de peregrinação é o nosso ardente desejo. Pela igreja do Rio [Assinado: F. R. Kuempel].¹⁷

Além disso, a seção de falecimentos da revista também era um meio de informar a comunidade adventista sobre o "passamento de seus pares" em uma época com pouco acesso à informação (Novaes, 2021, p. 54). Hoje nem tanto, haja vista que a notícia de um falecimento circula rapidamente pelos meios digitais. Por isso, as notas obituárias do periódico passaram a ter um caráter mais de homenagem, no sentido de honrar o legado do falecido. Isso fica ainda mais evidente nos casos em que a família manifesta o desejo de publicar a nota de falecimento alguns anos depois da morte do ente querido. Ou seja, existe um significado que vai além do comunicado de falecimento em si.¹⁸

Outra mudança teve que ver com o fato de esses textos passarem a ser escritos mais frequentemente pelos próprios familiares ou por pessoas próximas.¹⁹ Isso parece ter contribuído para a ampliação do foco no legado exemplar deixado pelo morto (Novaes & Marcelino, 2022). Além disso, corrobora também a afirmação de Santana (2011) de que o espaço dedicado aos obituários ou notas de falecimento é um campo simbólico que se constitui a partir da valorização das virtudes do falecido, representação de papéis sociais-religiosos e reafirmação de crenças. Essa longa tradição da *Revista Adventista* de noticiar falecimentos na mídia impressa foi ampliada com o lançamento de uma plataforma virtual denominada *Em Memória*, que será descrita a seguir.²⁰

O site *Em memória* como espaço cemiterial adventista

Como afirmam Navon e Noy (2022), especialmente nas duas últimas décadas, as práticas *on-line* relacionadas à morte, ao luto e à memorialização ganharam espaço, tornando-se objeto de interesse e pesquisa. Tal fenômeno se intensificou durante a pandemia de SARS-CoV-2. Durante esse período de crise sanitária global, marcado por sucessivas restrições, *lockdowns* e assombrosa perda de vidas, surgiram diversos memoriais *on-line* com o objetivo

¹⁷ Kuempel, F. R. (1918, dezembro). *Revista Adventista*, p. 18).

¹⁸ A publicação de uma nota de falecimento numa revista oficial da igreja não deixa de ser também uma forma de expressar pertencimento. Assim como, no passado, ser enterrado no cemitério da comunidade religiosa à qual se pertencia era um sinal de "identificação espiritual à comunidade" de fiéis (Lauwers, 2015, p. 21).

¹⁹ O poeta francês Jules Romains já dizia, como lembra Candau, Joël. (2012). *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto. p. 139, que uma pessoa estará realmente morta no dia em que ninguém se lembrar dela. Na Idade Média, cabia à igreja perpetuar a lembrança dos feitos de homens santos, o que era considerado um dever religioso, segundo Ariès (2014, p. 306). Posteriormente, a família assumiu um papel importante na transmissão da memória e do legado de seus entes queridos, o que também pôde ser percebido na construção das narrativas obituárias da *Revista Adventista*, uma vez que a grande maioria das notas de falecimento divulgadas no periódico é enviada pelos familiares.

²⁰ O site está disponível no seguinte endereço: www.memoria.revistaadventista.com.br Acesso em: 20 de dezembro de 2022.



de humanizar a cobertura jornalística, mostrando, assim, que as vidas ceifadas pelo coronavírus não eram apenas números. Sites como o [inumeráveis.com.br](https://www.inumeraveis.com.br) e o [memorialvagalumes.com.br](https://www.memorialvagalumes.com.br) (dedicado às vítimas indígenas)²¹ ganharam importância em um contexto marcado por uma política de banalização das mortes, restrições a rituais fúnebres, sepultamentos rápidos e, em alguns casos ainda mais extremos, enterros em valas coletivas, assemelhando-se aos cenários de guerra (Baldini & Nascimento, 2021, p. 69).

Estudos demonstraram que a pandemia teve grande impacto no processamento do luto e na ritualização da morte, devido à ausência de rituais fúnebres aliada ao distanciamento social (Giamattey, 2020; Giamattey et al., 2022). As implicações e os desafios dessa crise pandêmica atingiram dimensões não somente religiosas ou sanitárias, mas também de saúde mental, uma vez que sofrimentos psicológicos como ansiedade, depressão, solidão e medo tornaram-se mais recorrentes em enlutados no contexto pandêmico que tiveram que lidar com novas formas de velar e até mesmo a impossibilidade de velório. Esse cenário demandou estratégias não presenciais de demonstração de afeto e elaboração da perda por parte de agentes religiosos e profissionais de saúde, entre outros.

Inspirada nas iniciativas que surgiram nesse contexto e motivada pela sua tradição de noticiar falecimentos, no dia 2 de novembro de 2021, Dia de Finados, a *Revista Adventista* lançou uma plataforma virtual obituária, chamada *Em Memória*. De acordo com dados divulgados na própria plataforma, até agosto de 2021 a denominação já havia registrado a perda de 5,7 mil membros no Brasil. Além de justificar o aumento do número de páginas da seção "Memória" na versão impressa, essa demanda levou a equipe do periódico a conceber um memorial virtual dedicado exclusivamente às vítimas da Covid-19 no cenário adventista brasileiro.²²

O termo memorial traz-nos à mente a ideia de monumentos, patrimônio, espaços que se destinam a manter a lembrança, perpetuando a recordação de algo ou alguém. Em outras palavras, remete à noção de *monumentum* (herança do passado) ou *monere*, outro termo latino que exprime o ato de "fazer recordar" (Le Goff, 1990, p. 535). Na acepção de Fuchs (2021, p. 9), de certo modo, "todo cemitério tem um caráter monumental". Contudo, por mais que num primeiro momento a noção de memorial evoque a imagem de lugares ou ambientes físicos, não se pode deixar de pensar no ciberespaço como "novo" espaço de memorialização e, por que não dizer, de ressignificação das formas tradicionais de elaboração da morte.

No caso da plataforma em questão, ela é caracterizada, basicamente, por uma página de abertura que reforça a crença adventista na ressurreição e oferece consolo escatológico; uma seção "Sobre", que explica a proposta e finalidade do projeto; a seção de "Falecimentos" propriamente dita, contendo a relação de pessoas homenageadas; e a seção "Formulário", por meio da qual os próprios familiares e amigos podem submeter sua homenagem. Embora os dados enviados por meio da plataforma passem por um processo de checagem antes de serem aprovados e publicados, esse recurso foi criado para facilitar a submissão de comunicados de falecimento, que, tradicionalmente, são recebidos por meio do correio eletrônico da revista

²¹ Inumeráveis. (s.d.). <https://inumeraveis.com.br>; Memorial Vagalumes. (s.d.). <https://www.memorialvagalumes.com.br> Acesso em: 3 de novembro de 2022.

²² Em Memória. (s.d.). <https://memoria.revistaadventista.com.br> Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

ou, em alguns casos, até mesmo por meio de cartas manuscritas. Na edição de novembro de 2021, contexto do lançamento do memorial *on-line*, a *Revista Adventista* trouxe um guia explicando a novidade e o funcionamento do *site* (Tonetti, 2021, p. 48).

Ao acessar esse campo, é requerido o preenchimento do formulário com as seguintes informações: nome da pessoa que morreu, estado civil, cidade/estado em que nasceu, data de nascimento e óbito, *causa mortis*, cidade/estado em que faleceu, comunidade adventista que frequentava e uma breve biografia destacando, por exemplo, traços de sua personalidade, legado e envolvimento nas atividades da igreja. Também é solicitado o envio de uma foto do falecido.

Para submeter o comunicado de falecimento, o solicitante necessita, no entanto, assumir a responsabilidade pelas informações prestadas, informando seu nome e telefone para contato. Isso permite a confirmação do recebimento das informações, bem como a checagem dos dados. Portanto, a publicação não é automática, antes passando por um processo de mediação. Nessa etapa, o texto também está sujeito a ajustes e adequações ao formato do *website*, especialmente no que diz respeito à padronização da sequência de informações.

Todos esses aspectos são reforçados pelo "termo de consentimento", instrumento jurídico criado para regular o "uso de imagem e veiculação de dados e informações pessoais, coletados para publicação no site memoria.revistaadventista.com.br"²³. O documento anexado ao formulário explicita que a finalidade do projeto é homenagear, divulgar e preservar a memória dos adventistas que faleceram em decorrência da pandemia de Covid-19 e sugere que as informações para o obituário sejam fornecidas preferencialmente pelo familiar mais próximo da vítima, ou por quem o represente.

Até o fim de dezembro de 2022, 114 notas fúnebres haviam sido publicadas no memorial *on-line*, que continua aberto para homenagens inclusive a pessoas que faleceram no começo da pandemia. Contudo, por ocasião do lançamento da plataforma *Em Memória*, as primeiras publicações foram reproduções das notas de falecimento por Covid-19 que já tinham sido divulgadas na versão impressa da revista. Isso se deu mediante a autorização expressa de familiares ou representantes que foram contatados por *e-mail* ou WhatsApp.

Percebe-se que as homenagens prestadas no espaço *on-line* seguem basicamente o mesmo formato da seção de falecimentos da revista impressa, sempre destacando aspectos como a causa da morte, idade, cidade/estado em que residia, trajetória na igreja, tempo de adventismo, virtudes que cultivava e a relação de familiares que deixou. Tal estrutura está alinhada com o que expressa o livro de praxes dos ministros adventistas no que tange aos ritos fúnebres:

*O sermone fúnebre e o obituário, planejados para honrar a vida do falecido, podem ser combinados numa só elocução ou feitos separadamente. O sermone caracteriza uma recordação mais longa em honra da vida do falecido; o obituário dirige-se primariamente aos dados fatuais como data de nascimento, da morte, nomes dos sobreviventes e alguns eventos notáveis de sua vida*²⁴

²³ Idem.

²⁴ Igreja Adventista do Sétimo Dia. (2010). *Guia para ministros adventistas do sétimo dia*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Brasileira, p. 196.



Seguindo também a tradição observada nas edições da *Revista Adventista* a partir da década de 1940, o texto das notas de falecimento no espaço virtual vem acompanhado de uma foto do falecido (Novaes & Marcelino, 2022, pp. 224-225), o que também é comum nos ciber-cemitérios. Na plataforma *on-line*, as imagens são disponibilizadas em preto e branco, reforçando o luto. Para além disso, Hayashi et al. (2021, p. 9) entendem que o registro visual assume o papel não somente de registro histórico em si, mas também de reforço à lembrança.

Referindo-se aos memoriais virtuais, Bezerra e Oliveira (2022, p. 182) consideram que o ambiente das mídias sociais tem maior "potencial para interação, construção e manutenção de laços sociais em 'tempo real'" (Bezerra & Oliveira, 2022, p. 182). Nesse sentido, o memorial adventista da Covid-19 é limitado, já que não oferece espaço para comentários e outros recursos que permitam a um círculo maior de pessoas partilhar sentimentos e participar do processo de construção da identidade do falecido.

Por outro lado, ainda que não seja possível aos usuários da plataforma agregar outros marcadores textuais e visuais do falecido, complementando o obituário, o site *Em Memória* permite que os enlutados visitem a página a qualquer momento. E, ao trazer imagens de lápides e de pessoas deixando flores em túmulos, bem como fotografias retratando álbuns de memórias, o cenário do memorial reporta ao ambiente cemiterial e simula a experiência do luto, as vivências e emoções dos que ficaram. Em um contexto ainda mais particular, essas imagens evocam justamente aquilo que esteve vedado à muitas famílias durante os períodos de maior restrição durante a crise sanitária provocada pela pandemia de Covid-19, como a impossibilidade de visitar cemitérios e, em alguns casos, o impedimento de realizar o próprio funeral.²⁵ Quem visita a página na web também se depara com mensagens que reafirmam a crença adventista a respeito da morte e o consolo escatológico. Isso é reforçado por meio de textos como o que se segue, um dos que estão em destaque na página de abertura do memorial: "E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor" (Apocalipse 21:4).²⁶

Como sugere o próprio nome, a plataforma *on-line Em Memória* se propõe a ser uma extensão da seção de falecimentos da *Revista Adventista*, porém com algumas ampliações e sem a limitação do espaço dedicado aos obituários na mídia impressa. Como é dito na seção "Sobre" do site em questão, o memorial cumpre "o papel não apenas de divulgação, mas também de homenagem, elaboração do luto e, sobretudo, de preservação da memória e do legado daqueles que se foram", sendo um espaço "dedicado à trajetória de homens e mulheres que deixaram seu exemplo de vida e fé".²⁷

A partir dessa breve descrição da plataforma, que aproximações e diferenciações é possível fazer entre o site *Em Memória* e os conceitos apresentados nas duas primeiras seções

²⁵ Em relação a esse aspecto, é útil citar os estudos mencionados por Franco (2021, p. 131) que identificaram que "as comunidades construídas e mantidas na internet se revelaram um importante meio de suporte para aqueles que vivem um luto não reconhecido, uma vez que nelas é possível estabelecer conexões significativas por meio de identificação e semelhança".

²⁶ (Apocalipse 21:4). *Bíblia de Estudo Andrews*: Edição Almeida Revista e Atualizada. (2015). Rio de Janeiro: Casa Publicadora Brasileira, p. 1676.

²⁷ Em Memória. (s.d.). <https://memoria.revistaadventista.com.br> Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

deste trabalho, concernentes aos cemitérios virtuais, bem como às crenças e ritos ligados à morte no adventismo? Para começar, convém reforçar, citando Navon e Noy (2022), que nas duas últimas décadas as práticas *on-line* relacionadas à morte, ao luto e à memorialização tornaram-se objeto de diversas pesquisas. Para citar apenas um, ao analisar o "Memorial Facebook", recurso que permite transformar perfis em memoriais virtuais por ocasião do falecimento do proprietário do perfil/conta, Oliveira e Bezerra (2022) concluíram que as mídias sociais compõem espaços públicos de testemunho, interação e memoração, engendrando novas formas virtuais de memorialização e ritualização do luto. Por memoração, conceito cujo arcabouço teórico ainda está em construção,²⁸ pressupõem-se o processo de produção, transmissão e acúmulo de memórias que, por sua vez, associa-se à ideia de memorialização, definida por Oliveira e Bezerra (2022, p. 172) como o processo pelo qual "a memória pode se perpetuar na forma de homenagem, reconhecimento e rememoração".

Ritos fúnebres (e, por que não dizer, obituários) evocam signos cujo intento é o de promover a permanência simbólica dos sujeitos, em contraposição ao desaparecimento do corpo. Como argumenta Catroga (2010, p. 167), "se ontologicamente a morte remete para o não-ser", isto é, ao corpo corruptível que se desfaz na sepultura, "é na memória dos vivos, enquanto imagens suscitadas a partir de traços com referente, que os mortos poderão ter existência". Nesse sentido, o espaço cemiterial "é constituído por uma sobreposição de significantes (cadáver vestido, caixão, pedra tumular, epitáfio, estatuária, fotografia, etc.)" que reforçam esse intuito (Catroga, 2010, p. 168).

De certa maneira, o fenômeno dos ciber-cemitérios, assim como os memoriais *on-line* e os obituários na internet, aponta para uma necessidade de conexão e de manutenção de vínculos, conforme indicaram estudos como os de Roberts (2004). Assim, a morte não implica necessariamente numa ruptura dos laços, apesar de alterar o relacionamento. Isso também parece ser reafirmado pela seção de obituários da *Revista Adventista* e, por extensão, pelo memorial virtual em homenagem aos membros da denominação que foram vitimados pelo coronavírus.

Apesar de a tradição adventista entender que o morto não continua vivo em espírito/alma, existe a percepção de que a permanência dos laços é importante. Não apenas pela questão emocional e afetiva, mas porque se acredita também que a separação seja temporária, uma vez que, após a ressurreição, haverá a continuidade da relação possibilitada pelo ressurgir da existência. Em outras palavras, se continua tendo as emoções, os vínculos e os laços porque se espera o reencontro. E, conforme diz o livro das 28 crenças fundamentais da IASD, a ressurreição dos justos significará tanto a "restauração da vida" quanto da personalidade.²⁹ O que parece justificar a necessidade de memória.

²⁸ Mas que, não obstante, pode contribuir para a elaboração de uma tipologia dos espaços cemiteriais virtuais, a exemplo de contribuições como a de Fuchs (2021), que tentou esboçar um arranjo tipológico dos cemitérios físicos.

²⁹ Igreja adventista do Sétimo Dia. Nisto Cremos: as 28 crenças fundamentais dos adventistas do sétimo dia. (2018). Rio de Janeiro: Casa Publicadora Brasileira, p. 445. Ademais, de acordo com Moskala (2016, p. 193), textos como o de Isaías 65:17, frequentemente utilizado pelos adventistas para confortar os enlutados com a promessa de que no novo céu e na nova Terra não haverá lembrança das coisas passadas, "não pode se referir à perda de memória, porque as pessoas com amnésia perdem sua própria identidade e se tornam pessoas diferentes com comportamentos diferentes".

Contudo, no adventismo, essa necessidade de conexão não se revela tão intensa, pois, diferentemente da constatação de outros estudos citados anteriormente (Klass et al., 1996; Klass & Walter, 2001; Roberts, 2004), que apontaram a necessidade dos enlutados de continuar se comunicando com os mortos, no contexto da IASD, mensagens não são enviadas diretamente para o falecido, uma vez que se tem a compreensão de que os mortos deixam absolutamente de existir. Da mesma forma que, nos funerais adventistas, não se costuma interceder pelo falecido, as narrativas fúnebres também não se propõem a honrar o morto em si, mas sim a memória dele, isto é, seu legado exemplar, que, de maneira indireta, indica o que representa ser um bom adventista (Novaes & Marcelino, 2022).

Por fim, no que tange à construção da identidade do falecido, para os familiares e amigos daqueles que são homenageados no memorial *on-line*, o fato de saberem que esse espaço será visitado por outras pessoas pode contribuir para um sentimento não só de identificação com outros enlutados, mas também para uma sensação de conforto. Como entende Franco (2021, p. 131), "o sentimento de pertencer a determinada comunidade amplia o contato empático, que pode acontecer mesmo não sendo uma relação presencial". Nesse sentido, ter a biografia de um familiar que faleceu reproduzida no site pode ser entendida como uma demonstração, perante a comunidade adventista, de que a pessoa não foi esquecida e de que sua memória foi honrada.

Considerações finais

Este artigo de natureza descritiva partiu de um levantamento sobre o estado da arte dos estudos de cemitérios virtuais e memoriais *on-line*, dentre os quais se destacam investigações pioneiras que demonstraram a relevância de tais iniciativas para a construção coletiva da identidade dos mortos, bem como a manutenção de vínculos com eles. Esses estudos, internacionais e brasileiros, demonstraram como os espaços memoriais e cemitérios virtuais, ao contrário do que se imagina, permitem que enlutados mantenham contatos e vínculos com os mortos ao mesmo tempo que aprofundam suas conexões com outros enlutados. Evidenciou-se que esses resultados foram ainda mais presentes no contexto pandêmico, uma vez que o luto desordenado, fruto do isolamento social e da impossibilidade do velório presencial, afetou a saúde mental e emocional de muitos indivíduos, demandando novas estratégias de profissionais de saúde e agentes religiosos.

Levando em conta esses achados da literatura, procurou-se identificar e descrever a perspectiva de uma organização religiosa – a confissão adventista do sétimo dia – no intuito de compreender a perspectiva denominacional do passamento e suas práticas funerárias e cemiteriais. O objeto do estudo foi o memorial *on-line* criado em honra às vítimas adventistas da pandemia de Covid-19 no contexto brasileiro, chamado *Em Memória*.

O que foi possível perceber é que a forma como a Igreja Adventista interpreta a morte, considerada um estado de inconsciência e inexistência absoluta, determina também suas práticas cemiteriais. Em diálogo com a vivência protestante /evangélica da morte, que indica um papel secundário da morte nos ritos funerários e uma atitude de negação e contraposição à



ideia de contato com os mortos, as cerimônias fúnebres adventistas não se voltam diretamente aos mortos, mas sim aos vivos. Elas são marcadas por discursos que costumam enfatizar a promessa da ressurreição, não necessariamente como expulsão do luto, mas como forma de promover o consolo.

Isso também pode ser notado nos obituários da *Revista Adventista*, bem como na plataforma virtual *Em Memória*, que deu continuidade a essa longa tradição. Assim como na versão impressa, o site é uma forma de honrar o legado exemplar dos falecidos por Covid-19, ao mesmo tempo que oferece elementos textuais e imagens adicionais que reforçam o consolo escatológico. Apesar de não haver uma comunicação dirigida diretamente ao morto, como ocorre em outros memoriais *on-line* e cemitérios virtuais, a construção da identidade das pessoas falecidas pode contribuir para o sentimento de que a pessoa não foi esquecida e de que sua memória continua viva, especialmente em um contexto pandêmico marcado por restrições aos rituais fúnebres e, mesmo, a negação do luto. Além disso, o fato de os adventistas acreditarem no ressurgimento dos justos e na continuidade dos vínculos por ocasião do retorno de Jesus parece justificar a preservação das memórias e a manutenção dos laços.

Referências Bibliográficas

Andreasen, N. (2011). Morte: origem, natureza e erradicação. In *Tratado de Teologia: Adventista do Sétimo Dia* (pp. 353-389). Tatuí: Casa Publicadora Brasileira.

Ariès, P. (2014). *O homem diante da morte*. São Paulo: Editora Unesp.

Ariès, P. (2017). *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bacchiocchi, S. (2007). *Imortalidade ou ressurreição? Uma abordagem bíblica sobre a natureza humana e o destino eterno*. Engenheiro Coelho: Unaspres.

Bacchiocchi, S. (2012). *Crenças populares: o que as pessoas acreditam e o que a Bíblia realmente diz*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira.

Baldini, L. J., & Nascimento, E. M. (2012, janeiro). "Esse verso é um pouquinho de uma vida inteira...": os inumeráveis e a morte inominável. *Revista Linguagem*, 37, 67-90.

Brunt, J. (2011). Ressurreição e glorificação. In *Tratado de Teologia: Adventista do Sétimo Dia* (pp. 390-420). Tatuí: Casa Publicadora Brasileira.

Bull, M., Lockhart, K. (2007). *Seeking a Sanctuary: Seventh-day Adventist and the American Dream*, 2nd ed. Bloomington: Indiana University Press.

Campos, L. (2016, setembro a dezembro). Protestantes brasileiros diante da morte e do luto: observações sobre rituais mortuários. *Rever*, 16 (3), 144-173.

Catroga, F. (2010, janeiro a junho). O culto dos mortos como uma poética da ausência. *ArtCultura*, 12 (20), 163-182.

Crockett, W. (Ed.). (1996). *Four views on Hell*. Grand Rapids: Zondervan.



Franco, M. H. (2021). *O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno*. São Paulo: Summus.

Fuchs, F. (2021). Sobre a tipologia de espaços fúnebres cemiteriais. *Paisagem e Ambiente*, 32 (48), e183969. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2021.183969>

Giamattey, M. E. (2020). *Processo de luto diante da ausência de ritual fúnebre na pandemia da COVID-19: análise documental jornalismo on-line*. [Dissertação de Mestrado em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, Universidade Federal de Santa Catarina].

Giamattey M. E. P., Frutuoso J., Bellaguarda, M. L. dos R.. (2022). Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. *Escola Anna Nery*. Revista de Enfermagem, 26, spe, e20210208. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0208>

Goulart, A. (2003). *Um cenário mefistofélico: gripe espanhola no Rio de Janeiro*. [Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal Fuminense].

Hayashi, M. C., Maroldi, A. M., Hayashi, C. R. M. (2021). Reconhecimento científico e avaliação post-mortem em obituários acadêmicos da revista pesquisa FAPESP: estudo bibliométrico e de conteúdo. *Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends*, 16, 1-32.

Klass, D., Silverman P. R., Nickman, S. (orgs.). (1996). *Continuing bonds: New understandings of grief*. London: Taylor & Francis.

Klass, D., & Walter, T. (2001). Processes of grieving: how bonds are continued. In M. S. Stroebe, R. O. Hansson, H. Schut, W; Stroebe (orgs.). *Handbook of bereavement research: Consequences, Coping and Care* (pp. 431-448). American Psychological Association.

Knight, G. (2005). *Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira.

Le Goff, J. (1990). *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp.

Lauwers, M. (2015). *O nascimento do cemitério: Lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente medieval*. Campinas: Editora da Unicamp.

MacNeil, A., Findlay, B., Bimman, R., Hocking, T., Barclay, T., & Ho, J. (2021). Exploring the Use of Virtual Funerals during the COVID-19 Pandemic: A Scoping Review. *Omega*, 302228211045288. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/00302228211045288>

Miklos, J. (2010). *A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião*. [Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].

Mendonça, A. (2008). *O celeste porvir. A inserção do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edusp.

Moskala, J. (2016). Does Isaiah 65:17–25 Describe the Eschatological New Heavens and the New Earth?. *Faculty Publications*, 206, 187-210. <https://digitalcommons.andrews.edu/pubs/206>

Navon, S., & Noy, C. (2022). Like, share, and remember: Facebook memorial Pages as social capital resources. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 14 (1), 1–12.

- Novaes, A. (2021, abril). Consolo escatológico: cemitérios, morte e porvir em relatos e obituários adventistas durante a Gripe Espanhola (1918-1920). *Revista Brasileira de História das Religiões*, 14 (40), 37-58.
- Novaes, A., Marcelino, M. A. (2022, maio a agosto). Legados exemplares: a narrativa sobre a vida e as virtudes nas notas de falecimento da "Revista Adventista". *Revista NUPEM*, 14 (32), 220-236.
- Novaes, R. Os crentes e as razões para viver e para morrer. (1983). In J. Martins (org). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Oliveira, P., & Bezerra, D. (2022). Memorialização e ritualização do luto na era das mídias sociais: uma análise do Memorial Facebook. *Mnemosine*, 18 (2), 170-194.
- Paroschi, W. (2017). Death as Sleep: The (Mis)use of a Biblical Metaphor. *Journal of the Adventist Theological Society*, 28 (1), 26-44.
- Santana, F. (2011). *A retórica fúnebre: uma abordagem histórico-discursiva de epitáfios, obituários e memoriais virtuais*. [Doutorado em Letras, Universidade Federal de Pernambuco].
- Ramos, H. (2015). Além-túmulo no Facebook: Vida após a Morte e Luto na Era Digital. *Observatorio (OBS*)*, 9 (4), 31-50.
- Rezende, R. (2011). Um lugar para os mortos: os usos das comunidades virtuais como cemitérios digitais. *Anais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.
- Rigo, K. (2012). Curtir? Compartilhar? Comentar? Chorar? Cyberspaço e suas manifestações sobre a morte no Facebook a partir da perspectiva da imortalidade de Zygmunt Bauman. *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. Faculdades EST.
- Roberts, P. (1999). Tangible Sorrow, Virtual Tributes: Cemeteries in Cyberspace. In B. De Vries (ed.). *End of Life Issues: Interdisciplinary and Multidimensional Perspectives* (337–358). New York: Springer Publishing.
- Roberts, P. (2004a). Here Today and Cyberspace Tomorrow: Memorials and Bereavement Support on the Web. *Funerals and Memorial Practices*, 28 (2), 41-46.
- Roberts, P. (2004b). The living and the dead: community in the virtual cemetery. *Omega: the Journal of Death and Dying*, 49 (1), 57-76.
- Roberts, P.; Vidal, L. (2000). Perpetual care in cyberspace: A portrait of Web memorials. *Omega: The Journal of Death and Dying*, 40 (4), 521-545.
- Roberts, P, Neal, N., & Shamitz S. (1999). Who left the flowers? Visiting in virtual cemeteries. *Anais do Annuals Meetings of the Gerontological Society of America*. Gerontological Society of America, San Francisco.
- Tomasi, J. (2013). *"Eternamente off-line": as práticas do luto na rede social do Orkut no Brasil (2004-2011)*. [Dissertação de Mestrado em História, Universidade do Estado de Santa Catarina].
- Tonetti, M. (2021, novembro). Memorial da pandemia. *Revista Adventista*, 116, 1375.



Vicente da Silva, A. (2011). *Ritualizando o enterro e o luto evangélico: compartilhamento e incomunicabilidade na experiência da finitude humana*. [Tese de doutorado em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro].

Vicente da Silva, A. (2017, janeiro a junho). Vivos e mortos no "Círculo de Oração": o rito de luto na Igreja Assembleia de Deus. *Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*, 2 (3), 94-115.

Vicente da Silva, A. (2020). Os 'ritos possíveis' de morte em tempos de coronavírus. *Dilemas: Revista de estudos de conflito e controle social, Seção Reflexões na Pandemia*, 1-12.

Vicente da Silva, A., Rodrigues, C., Aisengart, R. (2021, setembro a dezembro). Morte, ritos fúnebres e luto na pandemia de Covid-19 no Brasil. *Revista NUPEM*, 13 (30), 214-234.

Vieira, W. (2014). *O obituário contemporâneo nos jornais e nas coletâneas: uma discussão sobre gênero textual e sociedade*. [Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais. Universidade de São Paulo, São Paulo].

Recebido em: 1º de janeiro de 2023

Aprovado em: 25 de maio de 2023

